

A identidade entre o público e o privado

RITA ELIANA MASARO*

Resumo: Objetivou-se analisar o processo de constituição da identidade profissional de um professor universitário e conhecer a transformação identitária vivida por ele na passagem do universo da instituição de ensino superior pública para a instituição de ensino superior privada, marcadas pelo capitalismo acadêmico. Com essa perspectiva, a história de vida de Petrônio permitiu acompanhar o movimento de transformação das instituições de ensino superior brasileiras, por meio das personagens que assume ao longo de seu percurso profissional, assim como pelas suas reflexões críticas a respeito dessa realidade. Na universidade privada, Petrônio agiu de forma estratégica e foi um docente-adaptado e sem autonomia. Entretanto, na universidade pública, foi mais reflexivo e diferenciado, tornando-se um docente-prestigiado que buscou seu processo emancipatório. Entre a universidade pública e a universidade privada foi um docente-crítico que foi a marca de sua identidade profissional.

Palavras-chave: metamorfose; ensino superior; capitalismo acadêmico; professor universitário.

The identity between the public and the private

Abstract: This research main goal was to analyze the process for the constitution of a professor identity, understanding the identity transformation lived by him or her when transitioning from the public institution environment to the private sphere, the later highly marked by academic capitalism. Under this perspective, the case of Petrônio's life story allowed us to follow the transformation movement of the Brazilian higher education institutions, through the different characters he had assumed throughout his professional career, as well as through his own critical reflections about this reality. At the private institution, Petrônio acted strategically. He was a conformed-professor without autonomy. However, at the public sphere, he was more reflective and differentiated, becoming a prestigious professional who sought his emancipatory process. Transitioning from the public to the private university, he was a critical-professor which was the mark of his professional identity.

Key words: metamorphosis; higher education; academic capitalism; university professor.



* RITA ELIANA MASARO é Doutora e pós-doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e Pesquisadora do Departamento de Psicologia no Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá – MT, Brasil.

Introdução

A temática deste artigo compreende as transformações na identidade de um professor universitário na transição entre uma instituição pública e outra privada. Verifica de que forma as políticas da educação superior alteraram a identidade deste professor enquanto amplia o conhecimento acerca das dinâmicas que se estabeleceram no setor privado entre o profissional academicamente qualificado e as instituições que os contratam.

A compreensão do conceito de identidade é que identidade é história, um processo de metamorfose, de transformação e, portanto, pressupõe movimento. Construindo sua história, o homem desenha sua identidade (sua metamorfose), articula com o tempo, com o contexto, com as diferenças e igualdades, com a interposição de papéis que são tecidos como resposta ao ambiente e suas relações cotidianas. Nesse sentido, cada indivíduo vive suas relações sociais construindo sua identidade. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas (CIAMPA, 1987).

A identidade relaciona-se à subjetividade no cerne dos processos sociais. A relação entre as diversas esferas de atividade humana é, portanto, uma questão essencial na construção dessa subjetividade. Esse enredamento entre as relações amorosas, familiares e profissionais, revela a identidade pessoal por meio da coleta dos relatos de vida (DUBAR, 2005).

A identidade é gerada pela socialização, ou seja, se “[...] processa quando o

indivíduo se apropria dos universos simbólicos¹ – integra-se, num certo sistema social, garantida e desenvolvida pela individualização, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais” (HABERMAS, 1976, p. 54).

Corroborando com Habermas, Dubar (2005) diz que a identidade é produto de sucessivas socializações: “[...] a socialização se torna um processo de construção, desconstrução e reconstrução de identidades ligadas às diversas esferas de atividade (principalmente profissionais) que cada um encontra durante a sua vida e das quais deve aprender a **tornar-se ator**” (p. XXVII, grifo no original). É a construção de um mundo vivido relativo a uma época histórica e a um tipo de contexto social.

Habermas (1976) diz ainda que são os indivíduos e a sociedade que, de certo modo, produzem, por si mesmos, sua própria identidade:

A identidade do Eu pode se confirmar na capacidade que tem o adulto de construir, em situações conflitivas, novas identidades, harmonizando-as com as identidades anteriores agora superadas, com a finalidade de organizar – numa biografia peculiar – a si mesmo e às próprias interações, sob a direção de princípios e modos de procedimentos universais (p. 70).

Nesse sentido, Habermas (1976) descreve uma sociedade dividida entre o mundo da vida e os subsistemas econômico e administrativo, a partir dos quais desenvolverá sua análise das patologias das sociedades modernas,

inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam dentro deste universo”.

¹ Para Berger e Luckmann (1985, p.132) “O universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. A sociedade histórica

especificamente o que ele chama de “colonização” do mundo da vida pelos subsistemas. Habermas define o mundo da vida como o lugar do agir comunicativo, tanto no papel de transmissão de culturas, de integração social e de socialização de indivíduos, quanto como lugar de entendimento mútuo e, portanto, de coordenação de ações sociais. Os subsistemas econômico e administrativo, por sua vez, são lugares da ação estratégica e da razão instrumental.

A história de vida do Professor Petrônio, doravante chamado de Petrônio, como professor universitário que foi, permite de certa forma, acompanhar o movimento de transformação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, por meio das personagens que assumiu ao longo de seu percurso profissional, assim como pelas suas reflexões críticas a respeito dessa realidade e às expectativas criadas quanto ao papel do professor.

Segundo Baptista (2002), a identidade profissional é uma esfera da identidade formada pela reunião dos diversos papéis profissionais que o indivíduo vive durante sua vida. Varia de acordo com os acontecimentos cotidianos e com a história da sociedade da qual faz parte. O professor universitário, por exemplo, é uma categoria para análise do mundo do trabalho. Antigamente os papéis profissionais eram bem definidos. Atualmente, as pessoas estão sem perspectivas norteadoras já que os valores como emprego fixo, garantia de emprego e ascensão profissional estão sendo remodelados. O trabalho deixou de ser regular.

O trabalho passa a ser encarado muito mais como condição de sobrevivência do que como realização pessoal e sinaliza que estamos vivendo “[...] o risco de a identidade estar perdendo sua

característica de permanência de idêntica a si mesma, provocado por uma descontinuidade biográfica, causada pela descontinuidade ocupacional” (BAPTISTA, 2002, p. 153). Essa descontinuidade ocupacional acarreta a dificuldade da construção da identidade profissional.

Baptista (2002) alerta para o perigo da impossibilidade de cada pessoa diferenciar-se, deixando de realizar o movimento de independência necessário para a conquista da autonomia, para aceitar a mesmice. A pessoa deixará de ser responsável pela construção da sua história, de viver a superação dialética, a transformação e o processo de alterização necessários para a constituição da sua identidade.

Sendo assim, a dimensão profissional é uma das mais importantes dentre as diferentes dimensões da identidade dos indivíduos. A construção da identidade social real dá-se mediante a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho. Essa confrontação assume formas sociais diversas e significativas conforme os níveis de escolaridade e as origens sociais. Mas é de seu resultado que depende tanto a identificação por outrem de suas competências, de seu status e de sua carreira possível, quanto a construção por si de seu projeto, de suas aspirações e de sua identidade possível (DUBAR, 2005, p. 148-149).

Nesse caso, Petrônio foi um professor que vivenciou sua prática profissional na IES privada, migrou para uma IES pública, aposentou-se e continuou a exercer sua carreira numa IES privada. Transitou por três atividades atribuídas ao professor universitário: a docência, a pesquisa e a administração.

Petrônio destacou que o grande diferencial entre as IES públicas e as IES

privadas é a consideração ou não da educação como grande patrimônio humano, como bem especial e como valor considerado fundamental para a vida das pessoas. Para Petrônio, a educação jamais pode ser tratada como uma mercadoria. Por meio de metamorfoses constantes e de posse de todo o saber que desenvolveu, Petrônio vivenciou o choque da realidade social brasileira na pós-modernidade, marcada pelo processo de globalização; que foi exatamente fruto das mudanças aceleradas em várias esferas da sociedade e que aconteceram de forma irregular e de acordo com o interesse de cada grupo participante.

A constituição da identidade profissional de Petrônio

Petrônio internalizou determinados valores tradicionais e conseguiu visualizar a realidade transformada por meio do convívio com seus alunos. Percebeu que a constituição da identidade profissional passava, também, pelas transformações vividas pelas diferentes socializações, pela realidade social das pessoas, pelas instituições das quais fazia parte e de suas ideologias.

Ele buscou, por meio do exercício da sua docência na IES privada, mesmo preferindo a clientela das IES públicas; amenizar esse “déficit” educacional, dedicando-se ao máximo ao seu alunado. Sabia que a entidade para a qual prestou serviço tirava mais valia do seu trabalho, mas entendia que essa sua dedicação

extra se fez necessária frente às dificuldades discentes apresentadas serem maiores no âmbito privado, no qual lecionava e pelo alto número de alunos pelo qual era responsável.

Preocupou-se com a ética exercida pelos dirigentes das instituições privadas nas quais trabalhou, um valor que considerava suprimido pela lógica capitalista presente nessa modalidade. Afirmava categoricamente que abreviar o ensino superior por meio de cursos rápidos voltados para o mercado não contribuía para a qualidade da educação brasileira, somente para os interesses dos empresários da educação.

Considerou que o universo das IES privadas foi sendo priorizado pelos governos brasileiros² em relação às IES públicas, como forma de desresponsabilizar o Estado pelo desenvolvimento educacional público de seus cidadãos. Ao mercantilizar a educação, as IES foram transformadas e seus protagonistas (alunos e professores) também. Ao invés do mercado servir à sociedade, o mercado da educação passou a servir-se dela, ou seja, a sociedade brasileira é que passou a adequar seu *modus vivendi* para suprir os interesses internacionais de continuidade do excedente econômico.

As IES públicas, principalmente as federais, tiveram sua força e autonomia diminuídas e compartilham um universo utilitário com o capitalismo acadêmico, atendendo a lógica do mercado disfarçada de produtora de novidades

² A política educacional para educação superior nos Governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006; 2007-2010) e Dilma Rousseff (2011-2014; 2015-2016) dizem respeito “[...] ao processo de privatização da educação e à transformação desta em mercadoria [...]” (LIMA; CUNHA, 2020, p. 15). Nesse sentido, o Governo de Michel Temer (2016-2018), pautou-se pela restrição dos investimentos na educação e

pelo crescimento das parcerias público-privadas (CARVALHO; PIRES, 2020; LIMA; CUNHA, 2020) E, no Governo de Jair Messias Bolsonaro (2019 – atual), o desmonte das políticas sociais e educacionais se intensificou, por meio de cortes dos investimentos na educação superior com a continuidade da privatização e mercantilização da educação (LIMA; CUNHA, 2020; SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2018).

tecnológicas. Fato esse incentivado pelo Estado que deixou de priorizar o investimento nas ações sociais.

Os cidadãos, diante de tantas mudanças sociais passam a “correr” atrás da formação educacional individual por meio também das IES, como estratégia para validação de suas competências, atualmente traduzidas pela sociedade como mercadoria valiosa e passagem garantida para a obtenção de empregos cada vez mais escassos e especializados.

Os empresários da educação perceberam essa demanda e, oportunamente, abriram espaço num mercado em que o Estado permitiu, por inconstância dele mesmo. Logo, o setor privado jamais deixará de prescindir das IES públicas no que tange ao recrutamento do seu corpo docente. Esse setor, busca no universo público, docentes extremamente qualificados, formados por meio de recursos públicos e oriundos das melhores universidades do país (MINTO, 2006).

Ao concordar com esta afirmação, porém deve-se deixar registrado que existem, também, bons profissionais egressos do ensino superior privado que desenvolvem trabalhos de muita qualidade e muitos orientadores conscientes oriundos de doutorados privados, que se empenham em realizar uma produção de conhecimento legítimo juntamente com seus mestrandos.

Não se pode colocar todas as instituições e nem todos os docentes egressos do sistema privado de ensino superior no mesmo patamar. Instituições diferentes em tamanho, carreiras ofertadas e características de professores e alunos ofertarão diferentes tipos de formação. Algumas com ensino de alto nível, de tempo integral e outras com cursos mais curtos, mais baratos e mais aplicados ao mercado de trabalho, mais acessíveis as

camadas mais populares (SCHWARTZMAN; SILVA; COELHO, 2021; SENKEVICS; 2021).

Petrônio defendia aqueles empresários do ensino que conhecia e que sabia que se comprometiam a realizar um trabalho de qualidade apesar das mazelas do ensino presentes na realidade brasileira. Petrônio criticou outros empresários da educação não tão comprometidos com o bem maior, que para os brasileiros, é a educação do povo.

[...] eu conheço essa gente. Trabalhei com eles, dei aula pra eles e trabalhei para eles. Entende? Eu fiz treinamento por este mundão afora, treinamento de professores, eu conheço essa gente e eles conhecem todas as mazelas do ensino e procuram, apesar de ganhar dinheiro, procuram nunca ferir muito o problema da qualidade. É outro mundo. Não vamos colocar todo empresário do ensino no mesmo saco, pelo amor de Deus! Seria um erro grosseiro [...]. São donos de escola, espero que estejam podres de rico, são muito honestos, gente boa, gente que tem, acredita e põe os próprios filhos na escola, e não como na universidade X e Y que põem os filhos para estudar na Suíça (Professor Petrônio).

Na opinião de Minto (2006, p. 273) “[...] o controle público está sendo diluído em detrimento da influência do capital”. A mercantilização da formação e da pesquisa é latente e esse movimento é conhecido como capitalismo acadêmico. O movimento do capitalismo acadêmico, retrata que as instituições e seus profissionais empregam suprimentos próprios de capital humano, aumentando sua renda como prestadores de serviços no setor privado, desempenhando funções como consultoria, auditorias, conferências, entre outras (SLAUGHTER; LESLIE, 1997). Sendo assim, com base nos pensamentos de

Slaughter e Leslie, pode-se reafirmar o pensamento de Minto, que acentua a mercantilização da pesquisa e da formação. O professor universitário, acabou por encontrar, nestas parcerias, um modo de ampliar sua renda. Os pesquisadores e suas pesquisas passaram a ser vistos como empreendedores subsidiados pelo Estado.

Petrônio reconhece por meio das personagens docente-prestigiado e escritor-produtivo que é mediado pelo capitalismo acadêmico. O prestígio das IES e de seus coadjuvantes é a maior força motora por trás do capitalismo acadêmico. O recurso financeiro é importante porque propicia o retorno social para a pesquisa, que é a atividade que diferencia as instituições, conferindo prestígio. Evidencia o seu aproveitamento do prestígio de sua instituição de origem como forma de captação de recursos (SLAUGHTER; LESLIE, 1997).

Nesse movimento do capitalismo acadêmico, a educação superior desviou a pesquisa e o progresso científico e tecnológico com propósito comercial. Em relação aos docentes, esse movimento propiciou futuras oportunidades de consultoria e empregabilidade. Petrônio também exerceu o papel de consultor em sua trajetória profissional.

Os trabalhadores docentes fazem parte dessa realidade social, da “sociedade do conhecimento” geradora de desconforto e de possível adoecimento psíquico e somático, que supervaloriza o trabalho como plataforma para o sucesso. O mercado exige dedicação total à carreira profissional para a manutenção da empregabilidade, colocando as outras esferas da vida humana em “xeque”. O professor necessita estar sempre atualizado, com alto grau de qualificação

e por vezes ainda mantém atividades paralelas.

Em relação à constituição da identidade profissional do Professor Petrônio, a formação de sua identidade iniciou numa família humilde, que necessitava prover seu sustento com bastante luta.

É relevante mencionar que a identidade autônoma é alcançada quando se tem conhecimento do processo de submersão social a que se é submetido. Se durante a constituição do processo de identidade consegue-se superar essa submersão ou se tem a consciência crítica para atuar em sua jornada cotidiana sob a atuação do sistema. Alguns docentes aceitam o sistema e outros se rebelam de forma mais amena.

Cada geração constrói sua identidade social alicerçada pelas categorias herdadas da geração precedente, mas também por meio das “estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles contribuem para transformar realmente” (DUBAR, 2005, p. 156). “[...] O mundo vivido do trabalho” não pode ser reduzido apenas às transações econômicas: trabalho X salário, ele “[...] mobiliza a personalidade individual e a identidade social do sujeito, cristaliza suas esperanças e sua imagem de Si, engaja sua definição e seu reconhecimento social” (HUGHES, 1958 *apud* DUBAR, 2005, p. 187).

As identidades estão sempre em movimento. Hoje percebe-se que as antigas identidades vão sendo mescladas com as novas exigências da produção e da lógica e que essas contradições são combinadas com as novas tentativas de racionalização econômica e social. As identidades sociais e profissionais típicas são “[...] construções sociais que implicam a interação entre trajetórias

individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação” (DUBAR, 2005, p. 330).

Nesse sentido, Petrônio possuía a consciência crítica, conhecia o processo de submersão social, entretanto, não superou o mundo sistêmico. Quando Petrônio revelou em seu discurso, por várias vezes, sua estratégia de “fugir” de cargos administrativos e esconder suas competências do corpo diretivo da instituição, entendia que, dessa forma, poderia manter-se distante da “máquina”, como diria Habermas, do “imperativo sistêmico”, porém não consegue esse feito, pois continuou a exercer tal cargo. (HABERMAS, 1976). Com esse mecanismo, Petrônio ocultou a personagem docente-transformador vivida no seu íntimo porque não era interessante para ele travar a batalha contra o sistema

Petrônio ficava temeroso porque sabia que, ao exercer cargos de direção, poderia ser vencido e cooptado pelo sistema. Preferia ser um grande opositor e crítico do sistema e não arriscar perder sua estabilidade pessoal e familiar. Entretanto, exerceu cargos administrativos como estratégia para manter seus ganhos financeiros conquistados.

Ser professor do ensino superior e escrever livros eram o elo e as ferramentas de comunicação de Petrônio com a academia e com a sociedade. Estes fazeres denotaram o exercício da personagem docente-transformador que existia dentro dele.

Petrônio constituiu sua identidade em resposta ao mundo moderno, reproduzindo a realidade promovida pelo universo das IES privadas por meio do exercício da sua personagem docente-adaptado, agindo de forma estratégica, portanto sem autonomia. Em

contrapartida, percebeu-se mais reflexivo e diferenciado quando se referiu ao universo vivido na IES pública, características possíveis na representação do agir comunicativo, na sua personagem docente-prestigiado, onde buscou seu processo emancipatório, necessário para sua alterização (CIAMPA, 1987; KOLYNIK, 2005).

Quanto maior a complexidade da sociedade, tanto maior será a pluralização de formas de vida e a individualização das histórias de vida. Petrônio, nosso protagonista, interiorizou por meio da aprendizagem de papéis, as normas, os elementos cognitivos, afetivos e éticos relacionados ao seu desempenho dando sentido para a sua subjetividade.

Considera-se que as metamorfoses narradas por meio dos papéis e das personagens destacadas na trajetória profissional de Petrônio foram muito representativas histórica e socialmente e foram reveladoras da identidade coletiva de sua classe.

Os predicativos das suas personagens denunciaram as transformações que se fizeram necessárias na transição entre o público e o privado em sua identidade profissional e falam por si só: professor-assumido, professor criativo-inovador, professor-prestigiado, professor-orgulhoso, e antagonicamente professor-frustrado, professor-desvalorizado e professor-adaptado.

O predicativo crítico requer uma reflexão à parte por não ser antagônico, é um atributo incorporado por Petrônio na habitualidade de seu trabalho docente. Ele avaliou competentemente, julgou, examinou e depreciou, independentemente de tempos e espaços distintos. É uma marca de sua identidade de professor que não seguiu a

estereotipia da profissão. É uma certa singularidade que identificou sua maneira professoral e, assim como as demais personagens aqui destacadas, colaborou na definição e manutenção de sua própria identidade profissional de professor universitário (STANO, 2005).

Como indivíduo, Petrônio resguardou-se mais no âmbito privado porque sabia que seu processo de emancipação foi viabilizado no universo público, porém se frustrou ao perceber que os imperativos sistêmicos impediam a constituição das identidades autônomas dos cidadãos. A consequência de as necessidades humanas serem cada vez mais regidas pelas leis do mercado acionaram mecanismos que barraram o processo de autonomia tanto institucional quanto individual.

Esses sentimentos de Petrônio, que divergem entre o público e o privado, são metaforicamente retratados por esta passagem da obra de Ciampa (1987, p. 237): “Alguns preferem continuar vivos na sua mesmice, para servir de pasto à rapina. Outros encontraram seus esconderijos onde as águias não alcançam”.

Petrônio se sentia como um indivíduo a parte, alçando um voo solo como professor universitário, por vezes escondendo suas habilidades do corpo diretivo da IES privada, como forma de blindagem contra a escamoteação do sistema educacional vigente, do qual fazia parte.

Ele perseverou e transformou sua realidade social narrada em sua socialização primária. Possuía uma visão acadêmica elitizada, porém continuou sendo o docente-crítico. Não se conformou com o rumo que a realidade educacional brasileira estava tomando, apesar de fazer parte dela. Experimentou esse sentimento por meio das

personagens docente-desvalorizado e docente-adaptado.

O professor do ensino superior, aqui representado pelo Professor Petrônio, convive com as contradições entre o público e o privado, mediando a sua própria contradição entre conformação e confronto ao presenciar a submissão da educação aos ditames da economia mundial e a sua (im) possibilidade de mudar o quadro.

Muitas são as contradições percebidas, entretanto, a maior delas, segundo critérios da psicologia, é perceber que, como indivíduo, na constituição da sua identidade pessoal, Petrônio sabe que poderia estar incluso na massa de cidadãos brasileiros que sofrem com o analfabetismo e o “déficit” educacional, fruto de suas socializações ou que simplesmente não têm acesso ao ensino superior.

Como docente, na constituição da identidade profissional, sua experiência marcada pelas contradições entre o público e o privado, revelaram o reflexo da sociedade atual e a acelerada transitoriedade que caracteriza a pós-modernidade, vivendo ao mesmo tempo as personagens professor criativo-inovador e professor-adaptado.

Considerações finais

Ao refletir sobre a identidade profissional de Petrônio, percebeu-se que ele rejeitava o grupo professoral da IES privada da qual fazia parte para não se despersonalizar dentro dele, já que as condições do sistema capitalista educacional, no qual estava inserido, impediam as pessoas de “vir a ser”. Petrônio manteve seu vínculo na IES pública como colaborador, prevalecendo seu sentimento de pertença e revalidando seu projeto de identidade.

Por meio das metamorfoses vivenciadas, Petrônio buscou, com esforço e

determinação, quebrar os paradigmas das próprias socializações (primária e secundária) e não se tornar, “a cordinha certinha com a caçamba” como ele mesmo dizia. Petrônio se reconheceu como um indivíduo que “deu certo” na vida, pois suas batalhas resultaram, segundo ele, numa carreira bem-sucedida e que lhe proporcionou melhores condições econômicas. Sua maior preocupação era a produção acadêmica. Para ele, era muito importante continuar produzindo, continuar sendo.

Para Petrônio, ser professor tem seus encantos, é uma respeitabilidade como a do juiz de paz, do padre e do delegado de antigamente. A profissão de professor ainda tem um pouco disso. É uma profissão muito boa para se ter um rendimento que é proporcional ao tempo dedicado, que permite uma flexibilização de ganho e uma flexibilização de horário também.

Todo professor está em movimento constante, é um organismo em movimento. Hoje ele é assim, amanhã vai ser diferente, ninguém é para sempre. Nada é para sempre, nós somos e estamos em constante movimento, amanhã estaremos melhores e melhores ainda.

Referências

BAPTISTA, M. T. D. S. Identidade Profissional: Questões atuais. In: LENZ DUNKERS C. I. e PASSOS, M. C. (Orgs.). **Uma psicologia que se interroga: ensaios**. São Paulo: EDICON, 2002. 145-154 p.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A **construção social da realidade**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 248 p.

CARVALHO, E. J. G.; PIRES, D. O. Arranjos de desenvolvimento da educação: da parceria público-privada à disputa pelo fundo público educacional. **Educar em Revista**, v. 36, e77538,

2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.77538>.

CIAMPA, A. C. **A história de Severino e a estória de Severina: Um Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 242 p.

DUBAR, C. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HABERMAS, J. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

KOLYNIK, H. M. R. Uma Abordagem Psicossocial de Corporeidade e Identidade. **Integração**. 2005. ano XI, n. 43, 337-345.

LIMA, T.; CUNHA, M. A educação superior no Brasil contemporâneo (1995-2016): uma análise dos Governos de Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. **Jornal de Políticas Educacionais**. v. 14, n. 28, p. 1-19, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v14i0.71794>.

MINTO, L. W. **As reformas do ensino superior no Brasil: o público e o privado em questão**. Campinas: Autores Associados, 2006. 308 p.

SATO, L.; COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H. **Psicologia social do trabalho**. São Paulo: Editora Vozes, 2018.

SCHWARTZMAN, S.; SILVA, R. L.; COELHO, R. R. A. Por uma tipologia do ensino superior brasileiro: teste de conceito. **Estudos Avançados**. v. 35, n. 101, p. 153-186, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.011>

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. **Academic capitalism: politics, policies, and the entrepreneurial university**. Johns Hopkins University: Baltimore, 1997. 276 p.

STANO, R. C. M. T. **Ser Professor no Tempo do Envelhecimento: professoralidade em cena**. São Paulo: Educ, 2005. 248 p.

SENKEVICS, A. S. A expansão recente do ensino superior. **Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais**, v. 3, n. 4, p. 199-246, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24109/27635139.ceppe.v3i4.4892>

Recebido em 2022-11-02
Publicado em 2023-01-01